

TDAH:

NOVAS CONSIDERAÇÕES

“Como construir uma Pedagogia em uma sociedade que deixou esmorecer a questão dos valores, que não sabe mais dizer aos jovens o que vale a pena (fora ser aprovados no vestibular) e em que os indivíduos são cada vez mais livres e os sujeitos mais abandonados”?

(Bernard Charlot)

Quem nunca ouviu falar do Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)?

O tema vem ocupando diversos espaços na sociedade, principalmente o escolar, visto que crianças e jovens com esse diagnóstico apresentam compor-

tamentos que atrapalham a dinâmica da sala de aula e comprometem seu processo de aprendizagem. Como o nome mostra, esse tipo de transtorno, também conhecido como Distúrbio do Déficit de Atenção (DDA), indica um “comprometimento” da atenção e da concentração, o que acaba desencadeando um “desligar-se” das atividades escolares que exigem trabalho intelectual. O TDAH acaba sendo mais conhecido do que qualquer outro transtorno, até pela sua ampla divulgação e confusão quanto ao diagnóstico.

Pela primeira vez, no meio educacional brasileiro, estamos percebendo que a discussão sobre o transtorno vem tomando outro rumo, ultrapassando as prescrições médicas e a realização de provas em tempos diferentes. Professores e gestores têm questionado o aumento da venda do medicamento para tratar esse transtorno, bem como os efeitos adversos que ele causa e o uso da medicação de maneira inadequada por alguns jovens, que inclusive a vendem aos seus colegas em vésperas de provas. O que isso nos sinaliza?

Estamos diante de uma educação da eficiência que busca um aluno “hiper”. Porém, muitas vezes, atrás de uma criança hiperativa e(ou) de um jovem desatento há um sujeito que sofre, que tenta ser visto em seu sofrimento

psíquico. Algumas dessas ideias estão no livro *Cabeça nas nuvens: orientando pais e professores a lidar com o TDAH* (WAK Editora), lançado em 2013, cujo tema ainda hoje gera discussões, com consensos e divergências. O importante é que o livro abriu mais um canal de interlocução com a educação, a saúde e a psicanálise. Passados dois anos do lançamento, avalio que algo mudou: a implicação de professores e gestores com a banalização de diagnósticos. Algo foi despertado, abriram-se

portas e janelas, e muitos professores já conseguem investir seus estudos no sujeito-aluno que se encontra em estado de prejuízo acadêmico. Esses novos sujeitos que adentram nossas escolas estão sendo reconhecidos em sua singularidade, e isso eu comemoro. A educação já reconhece a ausência de um modelo universal de aluno, advindo de uma família dita tradicional.

Estamos diante de novos modelos e de uma educação em aberto. Aos poucos, outras maneiras de aprendizagem são sinalizadas e incorporadas por professores e gestores. Já escuto e presencio crianças e jovens sentindo-se pertencentes às suas escolas. Sou otimista em relação ao processo educacional e visualizo mudanças ocorrendo nele, de dentro para fora. Estamos perante uma educação que já

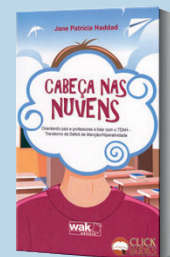
“Esses novos sujeitos que adentram nossas escolas estão sendo reconhecidos em sua singularidade”

consegue enxergar sua essencial função: abrir espaço para que crianças e jovens apareçam diante de uma presença humana adulta, que os escute para além dos comportamentos desatentos e hiperativos.

A educação entendeu que, por trás de tantos diagnósticos, existe um sujeito que precisa simbolizar, falar, encontrar maneiras de ser visto e escutado. A educação compreendeu que “estar” professor não é algo para amadores, e sim para sujeitos comprometidos com sua causa. Um passo a frente, é meu convite: adentrar os subterrâneos de nossas instituições educacionais, bem como estabelecer bases e articulações para propor relações reflexivas sobre si mesmo e o outro, para além dos transtornos educacionais. ■

Jane Patrícia Haddad é psicopedagoga, psicanalista e mestre em Educação

+ Para ler



Cabeça nas nuvens: orientando pais e professores a lidar com o TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade
 Autora: Jane Haddad
 Editora Wak
 92 páginas